

## VILÉM FLUSSER

Terço notado os Senhores que a nossa tentativa de uma tomada de consciência empreendida neste curso tem dado muitas voltas, como que para evitar o aspecto central da nossa situação, a saber: o nosso condicionamento pela sociedade. Recordarão os Senhores que tentei definir como base da tomada de consciência um afastamento da situação, um em inesmamento provocado pelo nojo que a situação em nos de aperta. \* disse que é a partir desse ensimesmamento que poderemos vislumbrar a nossa condição, para depois, num ato de rebeldia, lançarmo-nos contra aquilo que nos determina. Procurei descrever primeiro os aspectos internos do nosso condicionamento, recorrendo aos instrumentos que o pensamento existencial nos fornece. Depois considerei rapidamente alguns aspectos externos, como seja a ciência teórica e aplicada, e a sua forma vulgar, o cientifismo. \* lancei um olhar sobre a cena artística, para ver como somos condicionados pela literatura, pelas artes plásticas, pela música e pelo cinema. Mas de certa forma todas essas considerações não passam de preparação para a discussão da nossa dependência do processo histórico que nos determina economicamente, socialmente e politicamente. Como os Senhores sabem é a existencia humana concebida por toda uma corrente filosófica como totalmente resultante de um processo histórico e totalmente explicável por ele. Para o hegelismo e o marxismo, por exemplo, toda tentativa de elevar-se por cima da situação condicionada historicamente é uma tentativa alienada, em outras palavras: é loucura. Não concordo com este ponto de vista. Creio, pelo contrário, que é justamente nestes instantes de ensimesmamento que existimos realmente. \* a própria possibilidade de afastarmos da correnteza do tempo é prova que não somos inteiramente condicionados por ele. Mas para podermos superar o nos o condicionamento histórico, devemos torná-lo o mais consciente possível. Todas as minhas exposições anteriores eram preparações para essa tarefa. Dedicarei o resto deste curso à discussão do aspecto histórico daquilo que nos cerca.

Considerem por um instante o que o termo "história" significa. Significa, no fundo, que as coisas que percebemos ao nosso redor e contra as quais nos chocamos, não estão suspensas no espaço, mas projetam e todas pelo espaço rumo ao futuro. Significa que uma análise das coisas poderá revelar esse seu projeto temporal, e que as coisas são como são porque se projetam. \* em outras palavras: significa que as coisas que nos cercam podem ser explicadas apenas historicamente. O termo "história" é um termo ditatorial, e pretende subordinar a si mesmo todas as disciplinas explicativas. Mas notem que se aderimos ao historicismo, isto é se admitimos a pretensão ditatorial do termo "história", abrimos mão de todo apoio extratemporal, isto é transcendente, no qual nos seria possível o encontro conosco mesmos. Mergulharemos doravante no fluxo da história, empenhados totalmente nele, e este fluxo nos arrastará sempre mais longe daquilo que é o nosso cerne. Se o ensimesmamento é uma alienação da história, é o engagement uma alienação de si mesmo, e nesta aporia reside um aspecto da tragédia da existencia humana. Mas creio ser essa aporia falsa. Há um engagement posterior ao encontro consigo mesmo, e este engagement é fidelidade para consigo mesmo.

## VILÉM FLUSSER

Considerem o termo "história" um pouco mais de perto. Ela é um movimento de algo. É claro que os termos "movimento" e "algo" são muito problemáticos e parecem querer contradizer-se mutuamente. Sabemos que os pré-socráticos negavam ora o movimento, afirmando apenas o algo, ora negavam o algo para afirmar apenas o movimento. Mas não permitiremos que estes problemas provavelmente falsos atrapalhem o nosso pensamento. Meu ver, dizer que a história é o movimento de algo é uma maneira de dizer que a realidade tem a estrutura das frases das nossas línguas. "Movimento" é predicado, "algo" é <sup>sujeito</sup> ~~substantivo~~ das nossas frases, e "história" é a estrutura do nosso discurso. Mas com esta definição terei assumido, desde logo, um ponto de vista que transcende a história, porque terei-me localizado numa metalingua que a descreve. O formalismo lógico é uma superação do ~~ixixixix~~ historicismo.

Os diversos historicismos descrevem de maneiras diferentes o movimento e o algo do qual a história consiste, sem se darem conta que ao fazê-lo recorrem, eles também, a uma metalingua. Todo historicismo é contraditório no seu fundamento mesmo, porque a querer descrever a história precisa assumir uma posição a-histórica, isto é metafísica, e depois passa a negar a possibilidade de seu próprio ponto de partida. Todo historicismo corta o galho sobre o qual está sentado. Quando percebe isto, num momento de terrível iluminação negativa, perde a fé e a existencia entra em crise. O que estou dizendo faz parte da minha auto-biografia. Por isto invejo marxistas, hegelianos, e outros historicistas, porque eles ainda não sabem que debaixo deles está o abismo pronto a engoli-los.

O movimento da história pode ser descrito de diversas maneiras. Isto é podemos construir diversos modelos que explicam os acontecimentos no tempo. O que procurei mostrar com as considerações precedentes é que esses modelos são extra-temporais, embora sejam, paradoxalmente, eles próprios funções do tempo. Discutirei dois modelos. O primeiro modelo é o de uma explosão, o segundo de uma implosão, e ambos modelos são resultado de cientifismo, isto é de ciência falsificada. O modelo explosivo da história é feticismo mal aplicado, o modelo implorivo é biológico mal aplicado. São mal aplicados esses modelos, porque confundem ciência com ontologia. A ciência, ao explicar fenômenos, não se inte esse pelo ser daquilo que explica. O historicismo aplica esta explicação ao próprio ser dos entes.

Considerem o modelo explosivo. A história é um movimento que se expande a partir de um centro em busca de um horizonte, como o cosmos da astronomia. Tem de portanto de um estágio primitivo e simples para um estágio difuso e complexo. Em outras palavras: tende para a organização para o caos. Esta tendência para o caos não é óbvia, porque quanto mais complexa se torna a história, tanto mais explícita se torna a sua estrutura. Vejam dois exemplos, um tirado da história da natureza, outro da história da humanidade. Aquele movimento chamado "vida biológica" é uma consequência da explosão daquele outro movimento chamado "químico". O movimento da ameba é muito mais complexo que o movimento dos

### VILÉM FLUSSER

ácidos nucleínicos e das albuminas que lhe são anteriores. Mas não parece caótico este movimento, senão regido por cadeias causais mais complexas que as que regem o quimismo. No entanto, um estudo mais cuidadoso mostrará que esta maior complexidade das regras é uma tendência para o caos. O movimento da ameba é menos previsível, e portanto mais casual, que o movimento da albumina. Considerem o outro exemplo. Aquela movimento chamado "civilização ocidental" é uma consequência da explosão daquele outro movimento chamado "cultura primitiva". O movimento da cultura primitiva é simples e rígido, governado por regras simples e ritualizadas. O movimento da civilização ocidental é complexo, e é governado por regras fluidas e contraditórias, é portanto muito menos previsível. Parece que com esta complexidade crescente do movimento, resultado da explosão, aumenta a liberdade, e uma das vítimas dessa ilusão ótica é por exemplo o prof. miguel Reale. Mas o que aumenta é apenas o acaso, e isto significa que diminui a liberdade. Liberdade é significativa apenas em situação de alternativas previsíveis, porque liberdade é escolha de alternativas. Na história como explosão diminui a liberdade, porque as situações tendem a serem sempre menos previsíveis. Se aderirmos radicalmente a este modelo da história, estamos condenados ao pessimismo chopenhaueriano. O mundo se fragmenta pelo princípio da individuação, e o clima que prevalece neste mundo é o clima do bon tempos passados.

Considerem agora o modelo implosivo. A história é um movimento que tende numa contínua superação de contradições inerentes para um estágio derradeiro de unificação definitiva. Este modelo torna-se palpável no darwinismo, no qual a luta dos seres vivos pela sobrevivência tende a evoluir um ser superior, por exemplo o homem, que supera e domina todos os demais seres. Em outras palavras, o homem é a meta da evolução biológica, e neste sentido a meta da vida. Pois neste modelo a história é concebida da mesma forma. O movimento de luta entre contradições, e sua superação progressiva em busca da superação definitiva, é a chamada dialética histórica tão conhecida nossa. Embora a história tenda, aparentemente, do simples para o complexo, tende, na realidade, do complexo para o simples. Tomemos os nossos dois exemplos. A ameba é aparentemente mais complexa que a albumina, porque o seu movimento é mais intrincado. Na realidade, no entanto, na ameba se objetivaram tendências dormentes na albumina, e por esta objetivização se explicitaram, tornaram-se mais óbvias, portanto mais previsíveis. O que era apenas tendência na albumina, tornou-se realidade objetiva na ameba. Não era possível prever na albumina a ameba, mas na ameba é possível distinguir-se a albumina. Neste sentido é a ameba mais simples que a albumina, porque realiza apenas algumas das inúmeras potencialidades da albumina. E o mesmo se aplica, obviamente, à história da humanidade. A cultura primitiva, embora aparentemente mais simples que a nossa civilização, abrange em seu seio um jogo dialético muito mais complexo, porque pode resultar, por exemplo, não apenas em nossa civilização, como também na civilização chinesa. Neste sentido é nossa ci

VILÉM FLUSSER

vilização mais simples.

Vejam o que esta tendência para a simplicidade deste modelo significa. Significa que a história é um movimento no qual ela se conhece a si mesma. Com efeito, história e conhecimento passam a ser sinónimos neste modelo. História é um movimento no qual ela se explica a si mesma. Aliás, desenvolvimento e explicação são sinónimos mesmo semânticamente. O último estágio da história, a sua meta, é portanto o conhecimento total, no qual tudo estará explicado. Não haverá mais problema, e não havendo problema, o fluxo da história será representado num "nunc stans" paradisíaco, chamado por Hegel "espírito objetivado", e por Marx "sociedade comunista". O argumento curioso deste modelo é que este estágio corresponderá a liberdade absoluta. Tendo sido toda necessidade explicada, será superada e surgirá liberdade. Liberdade para que? A dialéctica se cala, porque é óbvio que essa absoluta liberdade será negativa. Quando tudo está realizado, não caberá liberdade. Aliás Wittgenstein escreve que resolver problemas é o que há de mais fútil, porque problemas resolvidos não servem a nada, já que desaparecem. Com efeito, o modelo implorivo da história é um modelo para a aniquilação progressiva do mundo. E se os senhores acompanharam o meu argumento, verificarão que o modelo explosivo da história tem o mesmo aniquilamento por meta, embora a alcance em movimento diferente. Isto é, a meu ver, significativo, porque é próprio de todos modelos, e a razão disto é a seguinte:

Modelos são explicações de algo. Situam-se portanto no além do algo a ser explicado, digamos no reino das ideias de Platão, embora este reino assumam um carácter irónico no presente contexto. De certa forma portanto abrangem os modelos aquilo que explicam, e o ultrapassam. E por ultrapassar o explicado, esvasiam o explicado de interesse. E por isto que Platão se interessava nos modelos, e não nos fenómenos que eram aquilo que os modelos explicavam. Os modelos da história abrangem o processo histórico e o ultrapassam, ao explicá-lo. Tornam a história desinteressante. Podemos antecipar, graças aos modelos, os acontecimentos futuros. Isto é, podemos tornar o futuro presente neste reino dos modelos. E já que podemos fazer isto, o processo histórico mesmo deixa de ser interessante. E o significado da história é a metalinguagem na qual formulo modelos, (e para ter significado, a história como o qualquer outro algo a ser explicado, necessariamente tem o seu significado no além dela mesma) então nessa metalinguagem significativa da história esta se supera a si mesma. E adiro a um modelo da história, já superei eo ipso a história e não preciso empenhar-me nela. E esta é a segunda aporia do historicismo, como alias de todo modelo explicativo,

Passo a resumir o argumento. O historicismo toma como única realidade o movimento de algo. Passa, em seguida, a construir modelos desse movimento. Ao fazer isto, aliena-se necessariamente dessa mesma realidade que acaba de estipular como insuperável. Primeira aporia. Depois abrange com seu modelo a realidade e a esvasia de interesse. Mas como esta realidade é a única, é sómen

## VILÉM FLUSSER

te nela que ele pode empenhar-se. Segunda aperia. O erro trágico de todo historicismo pode ser desvendado formalmente e existencialmente. Formalmente o historicismo se apresenta como segue: é ele um argumento explicativo que parte de uma tautologia e tende para uma contradição, como todo sistema explicativo. Parte de uma tautologia, isto é de uma sentença que não diz nada, porque os seus axiomas são todos da forma: isto é isto. A desemboca em contradição, porque explica tudo, e apenas a contradição, que tem a forma: isto é e não é, explica tudo. Todos os modelos têm essa estrutura: no fundo não dizem nada, em em suas consequências são contraditórias, por explicarem tudo.

Existencialmente o erro fundamental do historicismo reside no seguinte: quem adere a este tipo de modelo da realidade decide-se para um empenho em prol de uma realidade que é significativa apenas em função do modelo. Trata-se portanto de uma decisão existencial que é um verdadeiro suicídio, já que é um mergulho para dentro daquilo que não é significativo em si, uma verdadeira chute camusiana. Este mergulho não é vivenciado como suicídio, porque o mergulhador leva consigo, como que num bolso escondido, o seu modelo. Isto é o que chamamos de "fé" no campo da religiosidade. Mas se o modelo se tornar consciente, se o mergulhador descobrir que o significado da sua realidade está apenas no modelo que ele leva no bolso, neste instante dramático o suicídio se torna evidente. Neste momento ou cessa o engajamento, ou então o empenhado se torna tapado. Se o engajamento cessa, inicia-se aquele movimento de ensimesmamento que é a meta deste curso. Se o empenhado se tapa, surge aquele fanatismo que caracteriza tantos empenhos e que é sempre sinal de fraqueza interna.

O historicismo é o clima que a grande maioria dos pensadores brasileiros respira. Isto é compreensível tanto subjetivamente como objetivamente. Subjetivamente é o historicismo uma situação intelectual muito cômoda, porque permite a nítida catalogação da circunstância na qual estamos, e confere uma falsa segurança aos nossos atos. Dado o modelo, sabemos perfeitamente o que é bom e o que é mau, quem é reacionário e quem progressista, e a voz da nossa consciência autêntica entorpece. \* objetivamente, dado o atraso histórico do Brasil com relação aos centros da civilização ocidental, torna explicável, e portanto suportável e significativamente modificável o absurdo do sofrimento humano. Em outras palavras: se o modelo que estes pensadores conservam escondido no bolso não se torna demasiadamente óbvio, funciona como bússola de comportamento. Mas se se torna óbvio, se é submetido a uma análise formal e existencial, a posição toda rola e ameaça soterrar o pensador nos seus escombros. De duas uma então: ou o pensador se refugia na fé absurda, e consegue assim manter fidelidade ao seu empenho, ou inicia o trabalho penoso e frustrante de uma reconsideração das posições assumidas. Este ponto crítico no pensamento brasileiro me parece ter sido atingido no presente momento. Para mim não resta dúvida que a filosofia brasileira está em crise. Depende em alto grau de cada um desses pensadores, se se mostrarão à altura desse desafio. É possível que grande parte mergulha

--VILÉM FLUSSER  
no historicismo da fé, isto é a filosofia no Brasil se transformará definitivamente em conversa fiada repetitiva de chavões emprestados. Mas é também possível que uma pequena parte dos pensadores aceitará o desafio de uma verdadeira tomada de consciência, após ter percorrido o caminho árduo da perda de fé no historicismo, e neste caso assistiremos ao nascimento de uma filosofia brasileira, a contrastar com a mera filosofia no Brasil que presenciamos atualmente.

^ minha exposição de hoje deve servir de introdução à consideração daquelas influências históricas que sem dúvida nos determinam. Não nego por instante sequer que essa determinação histórica funciona. O que nego apenas é que ela nos determina integralmente, e que é por ela que podemos explicar o mundo. ^, o que é pior, que por ela podemos explicar nos a nós mesmos. O que afirmo, pelo contrário, é que devemos procurar conhecer esses fatores históricos determinantes para podermos negá-los. ^ podemos negá-los, porque não somos inteiramente determinados por eles. Sómente neste ato de rebeldia contra a estupidez da nossa situação, que se autorga o direito de dirigir os nossos atos seremos autenticamente nós mesmos. Sómente assim existiremos, e sómente assim faremos filosofia. A discussão por esses fatores determinantes que devem ser negados dedicarei o resto deste curso.